

Harper

17 de julho de 1974

Agarra o pónei de plástico cor de laranja que se encontra no bolso do casaco desportivo. Tem a mão transpirada. Está demasiado calor para o que traz vestido neste pico do verão. Mas aprendeu a usar um uniforme para o efeito; *jeans*, de preferência. Faz grandes passeatas – um homem que caminha por ter aonde ir, apesar do pé aleijado. Harper Curtis não é um vagabundo. E o tempo não espera por ninguém. Salvo algumas exceções.

A rapariga está sentada no chão, de pernas cruzadas, com os joelhos ossudos como o crânio dos pássaros manchados da relva. Ao ouvir o rangido das botas na gravilha, levanta o olhar, mas apenas o tempo necessário para que ele possa confirmar o castanho dos seus olhos debaixo do imundo emaranhado de caracóis, antes de o ignorar e voltar à sua vida.

Harper sente-se desiludido. Ao aproximar-se imaginou que eles fossem azuis; da cor do lago, nas suas águas profundas, quando as margens desaparecem e temos a sensação de nos encontrarmos no meio do oceano. O castanho é a cor dos camarões, quando a lama se revolve na maré vazia e se torna impossível distinguir a merda.

– O que estás a fazer? – pergunta, dando vivacidade à voz. Acora-se ao lado dela no relvado puído. Na verdade, nunca vira uma rapariga com um cabelo tão doido. Parecia ter rodopiado num furacão pessoal, o mesmo que espalhara aquela fortuita diversidade de lixo à sua volta. Um amontoado de latas enferrujadas, uma roda de bicicleta partida atirada para o lado, com os raios espetados. A sua atenção centra-se numa chávena de chá lascada, virada ao

contrário, de tal modo que as flores prateadas que a orlam desaparecem enterradas nas ervas. A asa está partida, restando-lhe dois grosseiros tocos.

– Estás a oferecer um chá, querida? – tenta novamente.

– Não é um chá – murmura para a gola em forma de pétala da sua camisa de xadrez.

Miúdas com sardas não deviam ser tão sisudas, pensa. Não combina com elas.

– Está bem – diz ele. – De qualquer modo, prefiro café. Dá-me, por obséquio, uma chávena de café, minha senhora? Simples, com três colheres de açúcar. Pode ser?

Estica o braço para apanhar a chávena partida, mas a rapariga solta um guincho e bate-lhe na mão. Do interior da chávena virada ao contrário ouve-se um intenso e furioso zumbido.

– Jesus! Que tens tu aí dentro?

– Isto *não* é um chá! É um circo!

– Ai sim? – Volta a sorrir, com aquele sorriso pateta que parece dizer que ele próprio não se leva muito a sério e que mais ninguém devia fazê-lo. Mas ardem-lhe as costas da mão onde ela lhe bateu.

A rapariga olha-o fixamente, desconfiada, não por quem ele possa ser ou pelo que possa fazer-lhe, mas por se sentir irritada com a sua falta de discernimento. Ele olha em volta, mais atentamente, e finalmente reconhece o decrépito circo. A arena, marcada com o dedo na terra, uma corda bamba, construída com uma palhinha achatada presa a duas latas de refrigerante, a amolgada roda de bicicleta transformada em roda gigante, meio encostada a um arbusto, com uma pedra a mantê-la firme no lugar e pessoas de papel, recortadas de revistas, presas entre os raios.

Não lhe passa despercebido o facto de a pedra que a sustém possuir o tamanho ideal para a sua mão. Ou como seria fácil um daqueles raios, finos como agulhas, acabar espetado nos olhos da rapariga, como em gelatina. Aperta com força o pónei de plástico que guarda no bolso. O furioso zumbido que ressoa debaixo da chávena é uma vibração que sente por toda a espinha, repuxando-lhe a virilha.

A chávena dá uma sacudidela e a rapariga joga-lhe as mãos.

– Uau! – ri-se a miúda, quebrando o feitiço.

– Uau, mesmo! Tens um leão aí dentro? – Dá-lhe um toque no ombro e um sorriso, embora tímido, irrompe na carantonha da rapariga. – És domadora de animais? Vais fazê-lo saltar através de arcos em chamas?

Ela sorri, fazendo sobressair as sardas nas maçãs do rosto tipo holandês e exibindo os seus dentes brancos e cintilantes.

– Nããã... A Rachel diz que eu não posso mexer em fósforos. Sobretudo depois da última vez.

Tem um canino enviesado, ligeiramente sobreposto aos incisivos. E o sorriso compensa largamente os olhos castanhos, porque agora ele pode vislumbrar a centelha por detrás deles. Dá-lhe aquela sensação de desfalecimento no peito. E lamenta o facto de ter desconfiado da Casa. Ela é a eleita. Uma das eleitas. É uma rapariga brilhante.

– Chamo-me Harper – diz ele, sem fôlego, estendendo a mão para a cumprimentar. Ela teve de trocar a mão que segurava a chávena para o fazer.

– És um estranho? – pergunta.

– Já não, certo?

– Eu sou a Kirby. Kirby Mazrachi. Mas vou mudar o nome para Lori Star assim que tiver idade.

– Quando fores para Hollywood?

Ela puxa a chávena para perto de si, espicaçando o inseto de baixo dela para novos patamares de indignação, e ele percebe que cometeu um erro.

– Tens a certeza de que não és um estranho?

– Quero dizer, para o circo, certo? O que vai a Lori Star fazer? Voar no trapézio? Montar elefantes? Fazer de palhaço? – Toca com o dedo indicador no lábio superior. – Ou será a mulher de barbas?

Para seu alívio, ela solta uma gargalhada.

– Nãooo.

– Domadora de leões! Atiradora de facas! Engolidora de fogo!

– Vou ser equilibrista. Tenho andado a treinar. Queres ver? – Esboça um movimento para se levantar.

– Não, espera – diz ele, repentinamente desesperado. – Posso ver o teu leão?

– Não é um leão verdadeiro.

– Isso é o que tu dizes – incita.

– Está bem, mas tens de ter cuidado. Não quero que voe para longe. – Levanta ligeiramente a chávena. Ele deita a cabeça no chão, espreitando para ver. O odor da terra e das ervas pisadas é reconfortante. Algo se movimenta debaixo da chávena. Patas peludas, um laivo de amarelo e preto. As antenas sondam a abertura. Kirby sobressalta-se e pouso a chávena com brusquidão.

– É uma grande abelha – diz ele, sentando-se sobre os calcanhares.

– Eu sei – responde ela, orgulhosa.

– Deixaste-a bastante irritada.

– Acho que ela não quer estar no circo.

– Posso mostrar-te uma coisa? Terás de confiar em mim.

– O que é?

– Queres ter um equilibrista?

– Não, eu...

Mas ele já levantara a chávena e recolhera a abelha nas mãos em concha. Ao arrancar-lhe as asas ouve-se um som seco igual ao produzido quando se arranca o pé de uma ginja, como as que ele apanhou durante toda a estação em Rapid City. Passara o tempo a palmilhar a região, de lés a lés, correndo atrás de trabalho como uma cadela com cio. Até ter encontrado a Casa.

– O que estás a fazer? – grita ela.

– Agora só precisamos de papel mata-moscas esticado entre duas latas. Um inseto grande como este deve ser capaz de descolar as patas, mas o papel é suficientemente pegajoso para evitar que ele caia. Tens papel mata-moscas?

Coloca a abelha no bordo da chávena. Ela agarra-se à sua orla.

– Porque fizeste isso? – Atinge-o no braço, numa agitação de palmadas com a mão bem aberta.

Ele fica aturdido com a reação dela.

– Não estamos a brincar ao circo?

– Estragaste tudo! Desaparece! Vai-te embora, vai, vai, vai-te embora! – Torna-se um mantra que acompanha o ritmo de cada palmada.

– Ei, calma. Calminha aí. – Ri-se, mas ela continua a golpeá-lo. Ele agarra-lhe a mão. – Estou a falar a sério. Para com essa merda, minha menina!

– Não digas palavrões! – grita ela, desatando a chorar.

Nada disto está a correr como ele previra, ou, pelo menos, próximo do plano possível para estes primeiros encontros. Sente-se cansado da imprevisibilidade das crianças. É por isso que não gosta de miúdas pequenas e prefere esperar que elas cresçam. Mais tarde, a história será outra.

– Está bem, desculpa. Não chores, OK? Tenho uma coisa para ti. Por favor, não chores. Olha... – Em desespero, tira do bolso o pónei cor de laranja, ou pelo menos tenta. A cabeça do boneco fica à mostra e ele tem de o puxar. – Toma. – Espeta-o na sua direção, esperando que ela o aceite. Um dos objetos que liga todas as coisas entre si. Terá sido por isso que o trouxe? Durante um segundo sente-se inseguro.

– O que é isto?

– Um pónei. Não vês? Um pónei não é muito melhor do que uma velha abelha tonta?

– Não está vivo!

– Sei isso muito bem. Raios o partam! Aceita-o, OK? É uma prenda.

– Não o quero – soluça ela.

– Está bem, não é uma prenda, é um depósito. Vais guardá-lo por mim em segurança. Como fazem os bancos quando lhes entregas o teu dinheiro. – O sol está a arder. Está demasiado calor para andar de casaco. Ele mal consegue concentrar-se. Já só quer acabar com aquilo. A abelha cai da chávena e fica deitada de barriga para cima, sobre as ervas, com as patas a estrebuchar no ar.

– Não sei...

Já se sente mais calmo. Tudo está como é suposto estar.

– Agora guarda-o em segurança, está bem? É mesmo muito importante. Virei buscá-lo. Percebeste?

– Porquê?

– Porque preciso disso. Quantos anos tens?

– Seis e nove meses. Quase sete.

– Ótimo. Isso é muito bom. Lá vamos nós. Às voltas e mais voltas, como a tua roda gigante. Virei ter contigo quando já fores crescida. Espera por mim, está bem, minha querida? Virei à tua procura.

Levanta-se, sacudindo as calças com a mão. Vira-se e atravessa rapidamente o terreno sem olhar para trás, coxeando apenas ligeiramente. Ela vê-o a atravessar a estrada e a dirigir-se para o caminho de ferro, até desaparecer por trás da linha das árvores. Olha para o boneco de plástico, húmido pela sua mão, e grita-lhe:

– Ai, sim? Pois eu não quero o teu estúpido cavalo!

Atira-o para o chão e ele dá um salto antes de aterrar ao lado da roda de bicicleta. Os seus olhos pintados fixam cegamente a abelha, que, entretanto, conseguira virar-se e agora se arrasta pela terra.

Mas ela irá buscá-lo mais tarde. Claro que sim.